

DOI: [10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT18.003](https://doi.org/10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT18.003)

A PSICANÁLISE COMO FERRAMENTA DA PRÁTICA PSICOPEDAGÓGICA

Andreia Regina Moura Mendes

Doutora em Ciências Sociais, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, professora da rede pública de Parnamirim/RN. andreiamendesbr@gmail.com;

RESUMO

O presente trabalho trata de uma pesquisa bibliográfica sobre o papel da psicanálise como ferramenta na prática psicopedagógica. A relevância do tema reside no fato de todos os dias, jovens, entre os 12 e 18 anos demonstrarem dificuldades de aprendizagem, comportamento ou socialização em ambientes escolares e quando interpelados pelos docentes sobre as causas de suas inquietações, algumas respostas sinalizam pela falta de diálogo interno e do entendimento das mudanças e conflitos típicos da fase chamada adolescência. O objetivo geral do trabalho é apresentar a Psicanálise como importante ferramenta de trabalho do (a) psicopedagogo (a) para o acompanhamento do adolescente com dificuldades no ambiente escolar. A metodologia utilizada foi uma pesquisa bibliográfica sobre as interseções entre a psicopedagogia e a psicanálise.

Palavras-chave: Adolescência. Educação. Fenomenologia. Psicanálise. Psicopedagogia.

INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema foi despertado desde o ano de 2016, quando a autora começou a lecionar para estudantes da educação básica na rede municipal de Parnamirim-RN e lá se deparou com muitos casos de automutilação, ideação suicida e histórico de quadros depressivos. Os estudantes que apresentavam estes sintomas tinham baixo rendimento escolar, problemas de socialização e todos apresentavam em seus relatos dificuldades com os parentes. Porém, quando interpelados pelos professores e equipes docentes sobre a causa de seus sintomas, os mesmos desconheciam a origem e demonstravam uma forte angústia por não compreender o que os afligia.

Foi diante da escuta atenta destes estudantes, no papel de professora de história e filosofia que surgiu assim a necessidade de se preparar melhor para lidar com estes estudantes e auxiliar cada um deles a identificarem seus medos, traumas e angústias, na tentativa de receberem um tratamento adequado para seus problemas de aprendizagem e comportamento.

Acredita-se que docentes e equipes pedagógicas das escolas da educação básica, carecem de uma formação acadêmica continuada adequada para atender os estudantes de forma integral, tendo em vista que a dimensão emocional é uma das instâncias menos acessada e trabalhada na escola pelos currículos tradicionais, corroborada pelo fato de que ainda não há interesse em reformular a prática de ensino com foco em atender o estudante em sua integralidade e totalidade enquanto sujeito de direitos.

A práxis pedagógica da autora assumiu nuances diferenciadas, que possibilitaram a escuta atenta de muitos estudantes em crise psíquica ou vivendo angústias próprias da adolescência, pelo fato da mesma ter uma formação humanista, baseada na antropologia e sociologia, com leituras reflexivas na área da filosofia fenomenológica, entretanto, essa condição trata-se de uma das exceções entre os professores de toda a rede de ensino, fato comprovado pela inabilidade de muitos docentes e equipes pedagógicas de tratarem com os estudantes que apresentam os sintomas citados acima e outros problemas comportamentais.

Diante do exposto, verificou-se que muitos destes estudantes foram atendidos pelos sistemas de atendimento psicossocial do município e pela rede de saúde básica, sendo acompanhados por psicólogos e psiquiatras, na maioria das vezes com tratamento medicamentoso, porém sem demonstrar melhoras em seus processos de aprendizagem no ambiente escolar. Foi então, a partir dessa constatação que se optou por investigar como esses estudantes poderiam ter sido ouvidos inicialmente por um (a) psicopedagogo (a) e o quanto o mesmo pode auxiliar esse estudante a entender os processos que está passando, apoiado nas teorias e técnicas da psicanálise, gerando assim uma melhora em suas dificuldades de aprendizagem e na sua relação com o ambiente escolar.

Como o público de estudantes atendidos pelos anos finais do ensino fundamental compreende estudantes entre 10 e 17 anos, buscou-se fazer esse recorte cronológico para fins de continuidade desse trabalho com adolescentes.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), define a adolescência como o período compreendido entre os 12 anos aos 18 anos de idade. Já a organização Mundial de Saúde (OMS), define adolescência como o período que compreende entre os 10 anos de idade aos 19 anos de idade, constituindo essa fase como um processo fundamentalmente biológico, marcando a transição entre a infância e a vida adulta.

Na Constituição Federal (BRASIL, 1988), foi assegurado o direito a educação pública, gratuita e de qualidade da pré-escola ao ensino médio. O ingresso no Ensino Fundamental (BRASIL, 2009) é realizado aos seis anos de idade, sendo que o ingresso no Ensino Fundamental Anos finais ocorre entre 10 e 12 anos, idades que compreendem a entrada do indivíduo no processo de adolescência.

Diante do exposto, entende-se que a educação básica deve estar mais preparada para receber essa clientela em fase de mudanças biológicas, afetivas e intelectuais, o que poderia ser conquistado com a adoção de uma metodologia baseada nos princípios da educação integral, com ensino dedicado às múltiplas dimensões do estudante, também auxiliada pela presença de uma equipe multidisciplinar na escola, contemplando psicólogos, psicopedagogos e enfermeiros. Porém, diante da inexistência de um conjunto de profissionais habilitados para orientar os docentes e gestores sobre os

desafios da adolescência, faz-se necessário o acompanhamento psicopedagógico para criar um espaço de escuta e acolhimento desse adolescente em conflito e problemas de aprendizagem para que se possa buscar entender as raízes de sua dificuldade e esclarecê-lo sobre seu potencial de crescimento e desenvolvimento no ambiente escolar.

O presente trabalho parte da seguinte problemática: Como a psicanálise pode contribuir para o atendimento dos alunos e alunas que enfrentam conflitos na sua adolescência, e, dessa forma melhorar o seu desempenho escolar?

O trabalho se justifica pela percepção dos desafios enfrentados cotidianamente pelo corpo docente de diversas instituições escolares, que buscam, sem eficácia, criar uma estratégia de aproximação com alunos e alunas que apresentam rotineiramente dificuldades de aprendizagem, socialização, adaptação ao ambiente escolar e desenvolvimento de relações afetivas mais equilibradas, fazendo-se necessário a elaboração de uma abordagem de atendimento ancorada na psicanálise para auxiliar o profissional da psicopedagogia na aproximação efetiva desses estudantes, de forma acolhedora e reflexiva. O trabalho está estruturado da seguinte forma:

Na parte 1 intitulado A arte das teses: As contribuições da Psicanálise para a Psicopedagogia, apresenta os artigos e trabalhos mais relevantes sobre a temática citada, revelando poucos trabalhos na área. No tópico 2 intitulado A Psicanálise e o adolescente, trata de uma discussão sobre a história da psicanálise do adolescente e quais contribuições a prática psicanalítica promove para os adolescentes diante de suas dificuldades no ambiente escolar. No tópico 3 chamado de Aproximações entre a psicanálise e a psicopedagogia, promove uma reflexão sobre as relações entre a psicanálise e a psicopedagogia, e como esses dois campos de teoria e prática podem ser articulados no atendimento do adolescente em dificuldades de aprendizagem, apresentando as contribuições da psicanálise na prática psicopedagógica.

O objetivo geral do trabalho é apresentar a Psicanálise como importante ferramenta de trabalho do (a) psicopedagogo (a) para o acompanhamento do adolescente com dificuldades no ambiente escolar. Os objetivos específicos são: a) compreender a psicanálise como abordagem para lidar com os conflitos da

adolescência; b) Definir as contribuições da psicanálise no tratamento psicopedagógico.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada será pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa. O referencial teórico utilizado busca aproximar as discussões da prática psicopedagógica com a análise psicanalítica. Para promover essa articulação, serão mobilizadas as discussões de Aberastury (1986), Delaroche (2008), Jung (2008), Tallaferró (2016), Winnicott (1975), além de textos de Sigmund Freud, Anna Freud e Melanie Klein.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A ARTE DAS TESES: CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE PARA A PSICOPEDAGOGIA

Para compreender como a práxis da psicopedagogia clínica pode ser auxiliada pelos conceitos e técnicas da psicanálise, foi realizada a Arte das teses em torno dos artigos e trabalhos científicos que discutem a relação e interseção dessas duas áreas para auxílio do estudante com dificuldades no ambiente escolar. Dessa forma, foi feita uma busca no Google Acadêmico dos descritores Psicopedagogia e psicanálise e foram identificados poucos trabalhos que tratam da contribuição da psicanálise na prática psicopedagógica.

O primeiro artigo é da psicanalista e psicopedagoga clínica, Cecilia Elisabete Aguirre de Fazzi intitulado, A Psicanálise e a Psicopedagogia: uma Relação nas Intervenções Psicopedagógicas (2013). No seu breve artigo, ela elenca seis teóricos da área da psicanálise que contribuem com suas teorias e técnicas no atendimento clínico psicopedagógico de estudantes com sofrimento psíquico e dificuldades de aprendizagem, afetivas ou comportamentais expressas no ambiente escolar.

A autora aponta o trabalho de Sigmund Freud sobre o método de associação livre, como uma ferramenta para que o estudante possa expressar suas lembranças e sentimentos através da sua fala,

de forma catártica. Sobre a contribuição de Donald Winnicott, Fazzi destaca o papel da interação estabelecida entre psicopedagogo e o paciente através da brincadeira, sendo a mesma compreendida como um espaço criativo no qual existe lugar para a imaginação, a fantasia e a expressão das experiências de vida.

Quanto à principal contribuição de Jacques Lacan para a prática psicopedagógica, a autora destaca a relevância de se conhecer com quem o estudante convive e quem são as figuras parentais de referência dele. Sobre a importância de Anna Freud, a autora enfatiza o entendimento sobre a importância do ego e dos mecanismos de defesa para compreensão do comportamento do estudante. E por fim, ela cita a contribuição de Pichon-Rivière sobre a relevância do estabelecimento de uma vinculação positiva entre o estudante e os componentes curriculares que ele precisa aprender no ambiente escolar.

O segundo trabalho analisado foi de Maria da Paz Pereira, intitulado *Algumas contribuições da psicanálise à psicopedagogia: a transferência na relação professor-aluno*. Pereira (2017) defende em seu trabalho que o estudante projeta conteúdos emocionais de forma inconsciente sobre o seu professor, sendo algumas vezes essa transferência positiva ou negativa.

Diante do conhecimento sobre o conceito de transferência de Sigmund Freud, o docente estará mais preparado para atuar frente à transformação do mesmo, tornando o processo de ensino-aprendizagem satisfatório para ambas as partes envolvidas. Porém quando ocorre a falta de entendimento sobre o conceito de transferência, pode ocorrer a potencialização da dificuldade do aluno, bem como gerar um bloqueio na relação pedagógica, traduzida em problemas na aprendizagem e distúrbios comportamentais.

Segundo a autora, Freud (1912/1981) afirma na sua obra que a transferência é um fenômeno comum nos relacionamentos humanos, se constituindo como uma dinâmica subjetiva e permeada por conteúdos provindos do inconsciente. No relacionamento estabelecido entre professor e estudante, é normal situações de transferência, revelado em falas dos estudantes direcionadas aos professores quando dizem que o professor ou professora lembram determinado parente, geralmente o pai ou a mãe, o que pode ocasionar uma transferência positiva ou negativa a partir do tipo de

relacionamento que o estudante nutre consigo ou com o parente referido em seu discurso.

Pereira (2017) cita ainda o trabalho de Melanie Klein sobre o seu conceito de identificação projetiva, associado ao de transferência, e o estudo de Jacques Lacan em torno da relação que o mesmo estabelece entre o conceito de transferência e a práxis, denominada de função simbólica do saber. A autora afirma por fim que a transferência pedagógica é marcada pelos conteúdos afetivos que o estudante destina à figura do professor ou da professora.

Em seguida, a autora apresenta no seu trabalho os tipos de transferências e conclui afirmando a importância do professor saber interpretar o comportamento do estudante a partir de seus problemas emocionais inconscientes. Na falta de capacidade para tal interpretação, será o profissional da psicopedagogia que a fará no atendimento clínico e a partir dos aportes da psicanálise.

Ela conclui que também é possível para o professor fazer essa interpretação, partindo de forma intuitiva dos seus próprios conteúdos inconscientes, e dessa maneira contribuindo para que o processo ensino-aprendizagem seja retomado de forma satisfatória e o estudante possa continuar seu percurso educativo sem ser atrapalhado pelos seus problemas emocionais.

O terceiro artigo analisado foi de Maia Medeiros Bulik (2009), denominado O conceito de sintoma: entre a psicanálise e a psicopedagogia. Este estudo é uma revisão bibliográfica que busca aprofundar a discussão sobre o conceito de sintoma na psicopedagogia e na psicanálise. A importância desse trabalho reside na abordagem que o mesmo faz sobre como o tratamento dos problemas de aprendizagem devem ser compreendidos na perspectiva da concepção de sintoma da psicanálise.

O quarto trabalho analisado é de Árbila Luiza Armindo Assis, denominado de Influências da psicanálise na educação: uma prática psicopedagógica. A sua obra tem como objetivo retomar o diálogo entre a psicanálise e a prática educativa. O arcabouço teórico está calcado na teoria freudiana, sobre o inconsciente, a pulsão, a sexualidade, a agressividade, os mecanismos de defesa e as fases do desenvolvimento da personalidade.

A partir das perspectivas de Freud e Lacan, a autora faz um percurso no qual pontua o contexto social e cultural da psicanálise

e como a mesma pode contribuir para compreensão do processo educativo, tomando como referência o papel do sujeito e como o mesmo se expressa através de sua fala.

Assis, procura assim apontar os contributos da a teoria psicanalítica no trabalho psicopedagógico, destacando ainda a necessidade dos professores procurarem se aproximar da discussão e dessa forma, promover um diálogo com o aluno com foco nas causas que determinam os comportamentos desse estudante no ambiente escolar.

Os aportes teóricos e práticos que Assis trata em sua obra são pautados pelos conceitos de Sigmund Freud, Anna Freud, Melaine Klein, Jacques Lacan, Donald Winnicott, e o de Pichon-Rivière nas suas contribuições para o trabalho psicopedagógico. Aqui destacamos a relevância dos estudos de Donald Winnicott sobre a importância do brincar como atividade criativa e construtora da nossa identidade.

Assis destaca que a grande contribuição de Winnicott, foi evidenciar que a brincadeira equivale a uma terapia, pois facilita o crescimento do estudante, sendo a essência da autêntica aprendizagem. Outra vantagem da brincadeira é possibilitar o relacionamento em grupo e de todas as benesses que ele pode propiciar como uma melhor qualidade na comunicação das necessidades, dos gostos, das aptidões e dos talentos. Ela conclui afirmando que o ato de brincar se constitui como uma forma do sujeito se comunicar consigo mesmo, o que é essencial para a própria organização da vida psíquica, além de promover a autocompreensão e a autoconfiança do sujeito.

Outro teórico que Assis mobiliza para discussão do tema é Pichon-Rivière, na sua teoria sobre o vínculo. O vínculo é definido como a forma de ligação que é realizada nas inter-relações pessoais, ou seja, como cada sujeito se relaciona com o outro. Pichon-Rivière propõe ainda que é possível a compreensão da personalidade do sujeito através da análise dos vínculos que ele estabelece.

O referido autor conclui o seu trabalho, afirmando que é essencial o conhecimento da psicanálise para uma compreensão sobre o papel da afetividade no processo de ensino-aprendizagem e no desenvolvimento afetivo do estudante, principalmente na geração do desejo pelo saber. A partir então da arte das teses percebemos

que existe uma produção acadêmica limitada sobre as contribuições da psicanálise na psicopedagogia, tendo em vista que o trabalho psicopedagógico toma emprestado teorias, técnicas e práticas da psicanálise. No próximo capítulo faremos a discussão sobre como a psicanálise lançou seu olhar conceitual e prático para a categoria dos adolescentes.

A PSICANÁLISE E O ADOLESCENTE

O estudo e investigação sobre a personalidade humana e sua relação com o inconsciente foi sistematizado a partir do desenvolvimento da psicanálise, área do conhecimento surgida no final do século XIX e que teve como seu mais importante expoente, o médico neurologista e psiquiatra Sigmund Freud (1856-1939).

A compreensão da estrutura total da personalidade deve-se principalmente às investigações psicanalíticas que não se limitaram aos conteúdos conscientes da mente, mas pretenderam estabelecer que o modo de atuar do homem também é condicionado por fatores inconscientes. Essa compreensão permite elucidar, de certa forma, a ação múltipla e dinâmica da psique, proporcionando novas perspectivas aos médicos e estudiosos da psicologia (TALLAFERRO, 2016, p.01-02).

Segundo o Livro da Psicologia, o inconsciente pode ser definido como "(...) o espaço em que armazenamos todas as nossas memórias, pensamentos e sentimentos" (2012, p.94). O Dicionário de Psicanálise traz o seguinte trecho (p.374): "Na linguagem corrente, o termo inconsciente é utilizado como adjetivo, para designar o conjunto dos processos mentais que não são conscientemente pensados". E continua:

Em psicanálise, o inconsciente é um lugar desconhecido pela consciência: uma "outra cena". Na primeira tópica elaborada por Sigmund Freud, trata-se de uma instância ou um sistema constituído por conteúdos recalçados que escapam às outras instâncias, o pré-consciente e o consciente. Na segunda tópica, deixa de ser uma instância, passando a servir para qualificar o isso e, em grande parte, o eu e o supereu (Idem).

O que significa que o inconsciente é uma instância independente do consciente, porém se revela através de sonhos, atos falhos, lapsos de memória, jogos de palavras etc. O inconsciente faz parte do sujeito, entretanto não está submetido à sua consciência.

A partir do exposto, entende-se o papel de Freud na descoberta e sistematização das investigações sobre as estruturas da mente e na compreensão da imbricada relação entre consciente, pré-inconsciente e inconsciente, auxiliando assim no entendimento sobre como se organizam os pensamentos, sentimentos e as ações humanas e como o inconsciente influencia o consciente. Outro aspecto relevante foi sua descoberta sobre as instâncias do aparelho psíquico: o id, o ego e o superego. Como destaca Tallaferro (Idem, p.04):

É perfeitamente conhecido o fato de que o bem-estar do homem não depende exclusivamente de uma saúde física, mas também de uma correta adaptação ao meio, com uma capacidade adequada para enfrentar as necessidades sociais, econômicas e industriais da vida moderna.

Assim, uma correta adaptação ao meio ambiente é fonte de saúde mental garantida pelo bom funcionamento do psíquico como função do organismo humano, alcançando dessa forma o equilíbrio entre o ser e o mundo exterior que o envolve. A partir então de um arcabouço teórico construído por meio da clínica, foi possível definir as técnicas e conceitos que tornaram a psicanálise numa ferramenta imprescindível para compreensão da personalidade psíquica e das relações que o sujeito estabelece com o meio ambiente.

Mas como acessar o inconsciente, tendo em vista que ele tem autonomia e não se submete à mente consciente? Foi através dos estudos de Sigmund Freud, para a obra A interpretação dos sonhos, que a dimensão simbólica passou a ser compreendida como forma explicativa que o inconsciente utiliza traduzida numa linguagem, através de imagens oníricas, constituindo os símbolos em ferramentas para o entendimento de determinados sintomas. Para Lurker (2003, p.572):

Na psicanálise, o símbolo é uma forma (sonhos, sintomas doentios, atos falhos, de modo geral todos os atos) na qual o inconsciente, o reprimido, é representado no consciente indiretamente, por meio de imagens análogas.

Nessa abordagem, fica evidente que a investigação dos símbolos expressos por meio da livre associação e da linguagem dos sonhos é fundamental para compreensão dos conteúdos psíquicos reprimidos e que se revelam através do estado e dos sintomas em que se encontra o analisando.

Outro expoente do estudo dos símbolos para compreensão da psique humana foi Carl Gustav Jung (1875-1961). O livro da Psicologia afirma que Carl Jung tinha um vívido interesse sobre como diferentes sociedades ao longo do tempo histórico compartilhavam grandes semelhanças expressas através de mitos, símbolos e crenças, o que o levou a defender a existência dos símbolos como uma memória coletiva, constituinte da psique humana, armazenados numa parte independente de nosso inconsciente, chamado por ele de “inconsciente coletivo”. Dessa forma, para Jung, os sonhos são a matéria principal utilizada para produção dos símbolos. Em suas palavras (2008, p.34):

Os dois pontos essenciais a respeito dos sonhos são os seguintes: em primeiro lugar, o sonho deve ser tratado como um fato a respeito do qual não se fazem suposições prévias, a não ser a de que ele tem um certo sentido; em segundo lugar, é necessário aceitarmos que o sonho é uma expressão específica do inconsciente.

Jung defende assim que o sonho é um acontecimento normal, dotado de causalidade e intencionalidade criadas pelo inconsciente do indivíduo, promovendo uma ligação com os conteúdos conscientes e servindo para compreensão do analisando.

Entende-se então que a adolescência é uma etapa crucial do desenvolvimento humano, sendo, por essa razão, permeada de incertezas, dúvidas, mudanças físicas, inseguranças e conflitos inerentes ao processo de amadurecimento do sujeito. O conceito era desconhecido na antiguidade, aparecendo pela primeira vez na Europa medieval.

Philippe Ariès, afirma que na Idade Média a adolescência era considerada a terceira idade da vida, ou seja, havia a infância,

seguida da pueritia, que terminava aos 14 anos e após essa fase, o sujeito se tornava adolescente, porém não havia consenso sobre seus limites e características como pode-se observar no trecho seguinte (ARIÈS, 1986, p.41): “Observamos que, como juventude significava força da idade, “idade média”, não havia lugar para a adolescência. Até o século XVIII, a adolescência foi confundida com a infância”. Ainda segundo Ariès (Idem, p.45):

Embora um vocabulário da primeira infância tivesse surgido e se ampliado, subsistia a ambiguidade entre a infância e a adolescência de um lado, e aquela categoria a que se dava o nome de juventude, do outro. Não se possuía a ideia do que hoje chamamos de adolescência, e essa ideia demoraria a se formar.

No século XVII, adolescência e puberdade se confundem. Foi apenas no século XIX que a imagem da adolescência foi formada, dando condições para sua categorização no século XX. O que pode ser compreendido a partir da seguinte afirmação de Ariès (Idem, p.48):

Tem-se a impressão, portanto, de que, a cada época corresponderia uma idade privilegiada e uma periodização particular da vida humana: a “juventude” é a idade privilegiada do século XVII, a “infância”, do século XIX, e a “adolescência”, do século XX.

No começo do século XX, Sigmund Freud deu início à análise de uma criança, num caso que ficou conhecido como pequeno Hans. Através das cartas escritas pelo seu pai, Max Graf, Freud tomava conhecimento sobre a situação do menino e orientava o seu pai sobre como devia proceder. Nesta primeira experiência, Freud estabeleceu os três princípios para a análise: a demanda, a transferência e a interpretação.

A demanda surgiu da queixa do próprio pai sobre a fobia que o filho tinha por cavalos, já a transferência se estabeleceu através do contato do pai com o psicanalista, que viu Hans apenas uma vez. Por fim, a interpretação sobre a fobia indicou que Hans tinha medo da reação do pai ao descobrir que ele tinha desejos sexuais edipianos pela mãe (COSTA, 2010, p.17-20)

Até demorou décadas para que se consolidassem os primeiros estudos sobre a adolescência e como se organiza a sua personalidade. Aberastury (1986, p.15) afirmou que a adolescência é uma fase de extrema importância na vida humana, sendo uma etapa fundamental para o processo de desprendimento dos pais. Para ela:

Este processo atravessa três momentos fundamentais: o primeiro é o nascimento, o segundo surge ao final do primeiro ano com a eclosão da genitalidade, a dentição, a linguagem, a posição de pé e a marcha; o terceiro momento aparece na adolescência. (1989, p.15).

Delaroche (2008, p. XII), afirma que a adolescência é um fenômeno social e como tal deve ser compreendida como elemento característico da sociedade contemporânea. Sendo assim, é importante destacar que o estudo e aplicação da abordagem psicanalítica no tratamento de adolescentes, ocorreram após o fim da Segunda Guerra Mundial, tendo sido a década de 1950 o período de sua consolidação.

Mas quando surgiu o conceito de adolescência? Nas sociedades antigas existia a compreensão sobre a juventude, seu papel e seus problemas, mas as tensões dessa fase eram superadas através dos ritos de passagem, que tornavam os jovens em adultos produtivos na sociedade. Na Europa medieval, por exemplo, a juventude também passava pelos ritos de iniciação cristãos e assim, fazia parte da sociedade, participando ativamente dos eventos do mundo dos adultos, desde a vida monasterial até a cavalaria.

Para Delaroche (2008, p.02), é na metade do século XIX que o termo adolescência passa a vigorar nos dicionários da época, descrevendo essa fase da vida humana. Entretanto, foi apenas no começo do século XX que o conceito da adolescência ganhou relevância na área da medicina e chamou atenção de Sigmund Freud no ano de 1905.

Esta panorâmica sobre a evolução da compreensão do conceito de adolescência ao longo da história tem como objetivo ressaltar que essa categoria foi apreendida pelos esquemas da

biologia e sociologia e só depois pela medicina, psicanálise e sociologia, como pode ser entendido a partir da seguinte afirmação:

De um lado, com efeito, a adolescência é assimilada à juventude e não é ainda considerada um fenômeno individual, um fenômeno clínico. De outro, a teorização da adolescência ainda é chamada de puberdade e é marcada pela biologia. Ora, esses dois aspectos, sociológico e biológico, serão reunidos no conceito atual de adolescência (DELAROCHE, 2008, p.04).

O pioneiro na psicanálise do adolescente foi o francês Pierre Mâle. Seu trabalho associava a psiquiatria com a psicanálise, compreendendo três aspectos: adolescência como um processo, uma nova abordagem de nosologia (as doenças inconscientes) e uma abordagem terapêutica inédita. Nas palavras de Delaroché: "Para Mâle, a adolescência emerge 'do encontro de uma crise vital decisiva' com 'estruturas conflituosas que contribuíram para a organização do eu'" (Idem, p.12-13).

Ou seja, é importante destacar que Mâle defendia que existe uma diferença estabelecida entre a estrutura do adolescente e sua crise juvenil, e que o resultado desse processo faz parte da maturação. A questão é evitar patologizar comportamentos que são característicos da adolescência. Porém, diante da persistência de determinados sintomas conflituosos, ele justifica que: "A vida do sujeito depende, com muita frequência, de soluções psicoterapêuticas ou de orientações que parecem tiradas da atualidade e que precisam de uma ação imediata" (Idem, p.14).

Na nosologia das doenças típicas da adolescência, Mâle identificou três conflitos comuns: a neurose de inibição, traduzida na forma de bloqueios nas atividades sociais e intelectuais; a neurose de fracasso, um conflito inconsciente provocado por um complexo de Édipo não resolvido; a morosidade, expressa numa recusa do adolescente em investir sua energia no mundo que o cerca. A morosidade pode atingir um estado que o sujeito procura fugir de casa, pratica atos delinquentes, faz uso de drogas e até mesmo tenta o suicídio (Idem, p.14-15).

Para Mâle, o papel do psicoterapeuta é servir como uma espécie de testemunha do adolescente, ouvindo atentamente quais são os conflitos que o mesmo nutre em relação aos pais e o orientando

para solução de seu conflito, geralmente a partir da interpretação do complexo de Édipo. Nesse sentido Delaroché esclarece que (Idem. p.20), a puberdade ou um novo fato que signifique o fim da infância pode ocasionar o espelho, o que torna o adolescente um alvo das ideias suicidas. O adolescente apresenta uma dificuldade na introjeção de um supereu pacificado, sabendo julgar o que é bom ou ruim para si, mas precisando de novos guias, que não sejam seus pais, para representar essa personificação.

Tallaferro (2016, p.04) afirma que o bem-estar humano não depende somente da saúde física, mas principalmente de uma correta adaptação ao meio ambiente no qual ele está inserido, demonstrando capacidade correta no enfrentamento dos desafios, das necessidades que se apresentam na sociedade, e das injunções da economia e da vida na contemporaneidade.

Anna Freud diz “a psicanálise é a aquisição do maior conhecimento possível das três instâncias que se supõem constitutivas da personalidade psíquica e das relações entre a pessoa e o mundo exterior” p.10

Como destacado anteriormente, o aparelho psíquico é composto por três instâncias: o ego, o id e o superego. Sobre o ego, explica Tallaferro (2016, p.57): “(...) o ego está situado entre o mundo interno e o mundo externo, em uma posição tal que se comporta como receptor dos impulsos que lhe chegam de ambos os campos”.

Mas qual o papel do ego? Tallaferro mais uma vez informa que: “O principal papel do ego, portanto, é coordenar funções e impulsos internos, e fazer que estes possam expressar-se no mundo exterior sem conflitos” (Idem, p.58). Em outras palavras: “O ego não só é capaz de atuar sobre o mundo exterior e modificá-lo, mas pode também atuar sobre o organismo, condicionando as reações desde até o ponto de chegar a simular a realização de um desejo” (Idem, p.63).

O ego tem seu desenvolvimento iniciado na infância, mas na adolescência, etapa da vida caracterizada por diferentes angústias, pode ocorrer uma mobilização do sujeito para a defesa do que considera um risco de destruição do ego. Daí a relevância de apontar quais são os mecanismos de defesa do ego contra o que Tallaferro denominou de perigos intrapsíquicos. Segundo Tallaferro, os mecanismos são (Idem, p.77-78):

1. repressão;
2. regressão;
3. isolamento;
4. anulação ou reparação;
5. formação reativa;
6. identificação;
7. projeção;
8. troca de um instinto pelo seu contrário;
9. volta do instinto contra o ego;
10. sublimação.

Diante dos conceitos e das discussões apresentadas, fica evidente o quanto a psicanálise pode auxiliar no atendimento psicopedagógico através de seus conceitos e técnicas. O próximo capítulo trará três contribuições da psicanálise na prática clínica psicopedagógica e que pode potencializar a solução da demanda que o estudante apresente no ambiente escolar.

APROXIMAÇÕES ENTRE A PSICANÁLISE E A PSICOPEDAGOGIA

Diariamente, professores e equipes pedagógicas de diferentes realidades educacionais atendem adolescentes que se encontram em conflito ou sofrimento psíquico, mas não conseguem auxiliá-los por falta de preparo adequado, por essa razão, alguns são encaminhados para os serviços de psicologia da comunidade, que muitas vezes os direcionam para um acompanhamento psiquiátrico, sem buscar entender as angústias internas que deram origem à demanda ou queixa dos seus pais e professores.

Sigmundo Freud, considerado o pai da psicanálise, não desenvolveu estudos voltados especificamente sobre a educação, num esforço de analisar os estudantes no ambiente escolar, porém, muitos de seus conceitos são essenciais para o trabalho do psicopedagogo, tendo em vista que os mesmos possuem grande eficácia, comprovada até os dias atuais. É o caso de seu conceito de Associação livre.

Freud começou seu trabalho na psicanálise ao lado do seu amigo Dr. Josef Breuer, tratando pacientes que apresentavam

sintomas de histeria com o uso da hipnose. Entretanto, no ano de 1904, ele escreveu um artigo afirmando que tal forma de tratamento tinha um sucesso limitado, por essa razão, anunciava que seu método de associações livres ou da livre associação conseguia acessar o inconsciente do paciente mais profundamente, permitindo assim a análise de lembranças remotas, afetos e representações.

Deitado de forma confortável, o paciente era convocado para dizer de forma livre tudo o que lhe viesse à mente, inclusive aquilo que tinha vergonha ou pudores de revelar ao médico.

Para que o paciente atendesse a orientação dada, era comunicado que a regra fundamental da psicanálise consistia no esforço do paciente para dizer tudo ao terapeuta, sem omitir nenhuma informação, lembrança ou detalhe do seu sonho (ROUDINESCO, PLON, ANO, p.649).

A partir do exposto, entendesse que o método da associação livre se configura como uma importante ferramenta no atendimento dos adolescentes, tendo em vista que o mesmo pode falar livremente de seus medos, traumas e elementos presentes em seus sonhos, o que pode exigir do psicopedagogo, além do domínio dos conceitos da psicanálise, o conhecimento sobre o sistema de símbolos. Através então da escuta dessa fala, o psicopedagogo terá subsídios e informações relevantes para conduzir o tratamento do estudante e auxiliar na solução de sua demanda.

A segunda contribuição da teoria psicanalítica para a clínica psicopedagógica é o conceito de mecanismo de defesa. A compreensão dos mecanismos de defesa do ego é fundamental para que o profissional da psicopedagogia possa fazer uma abordagem eficiente e assim, utilizar dos conhecimentos, conceitos e técnicas da psicanálise para auxiliar no atendimento desse adolescente. Para esta análise, será citado alguns dos mecanismos mais frequentemente identificados na realidade escolar.

Tomando como exemplo o mecanismo de defesa chamado de regressão, percebe-se que sujeitos frustrados em suas buscas por gratificações, regridem na atuação de seu ego na tentativa de obter a satisfação anteriormente experimentada. Muitos adolescentes utilizam desse mecanismo, se infantilizando diante de determinadas

situações e conflitos, buscando assim proteger o ego através de um retorno a uma condição anterior ao estágio que atualmente se encontra.

Outro mecanismo que pode ser destacado como de mobilização frequente pelos adolescentes é a identificação, numa incorporação de uma vinculação afetiva a um outro objeto. Por exemplo, o adolescente em conflito com o pai, pode identificar em um dos docentes alguma característica que lhe remete ao vínculo paterno e dessa forma, direcionar sua rebeldia para o professor que mais se assemelha ao pai.

O mecanismo de defesa chamado de projeção lança sobre um objeto externo as tendências inconscientes que o sujeito não aceita que façam parte do seu superego, ou seja, atribuindo tendências pessoais para outras pessoas. É o caso por exemplo do adolescente que se sente incomodado com a postura de uma determinada professora e passa a acusar a mesma de está perseguindo ou com marcação nele, quando na verdade, é o próprio adolescente que está nutrindo sentimentos negativos pela postura da professora e é incapaz de confessar.

Por fim, e não menos importante, encontra-se o mecanismo denominado de Volta do instinto contra o ego, que pode ser compreendido quando o indivíduo direciona para si mesmo uma agressividade, que foi originalmente dirigida para um objeto externo. São comuns nos adolescentes que não conseguem lidar com as dores provocadas pelas frustrações e abandono, a automutilação, o sadismo e as tentativas de suicídio.

Diante então do exposto, é preciso indicar quais são as técnicas e conceitos que os (as) psicopedagogos (as) podem lançar mão no tratamento de adolescentes que apresentam os mecanismos de defesa citados e que se encontram em sofrimento psíquico acentuado, prejudicando assim suas relações no ambiente escolar, sua vida social e autocuidados.

A terceira contribuição da psicanálise para o trabalho clínico da psicopedagogia é baseada na teoria do brincar de Donald Woods Winnicott. Na obra *O brincar e a realidade* (1975), Winnicott apresenta os elementos da sua psicanálise e da psicoterapia e faz referência à obra de Milner, como um dos precursores sobre a formação simbólica e de Klein, nos seus estudos sobre a brincadeira.

Winnicott defende que a brincadeira pode ser utilizada no tratamento de todas as faixas etárias e afirma que o brincar tem um lugar e um tempo (1975,p.62). Nas suas palavras:

(...) É a brincadeira que é universal e que é própria da saúde; o brincar facilita o crescimento e, portanto, a saúde; o brincar conduz aos relacionamentos grupais; o brincar pode ser uma forma de comunicação na psicoterapia; finalmente, a psicanálise do brincar, a serviço da comunicação consigo mesmo e com os outros (Idem, p.63).

Assim, para Winnicott, a brincadeira estabelece um relacionamento de confiança, propiciando a remoção de bloqueios ao desenvolvimento do estudante. O brincar torna-se então terapêutico, constituindo-se numa experiência criativa inscrita no tempo e no espaço. Ele conclui que o brincar em comum entre o estudante e o analista cria de forma espontânea a interpretação necessária para o sintoma ou demanda.

Os princípios aplicáveis de sua teoria na psicopedagogia clínica são os seguintes: o brincar gera uma preocupação ou concentração, que é mais importante que o conteúdo da brincadeira. A espaço do brincar reside fora da realidade psíquica do paciente, porém utiliza-se de elementos oníricos, de fenômenos externos e transicionais. O brincar implica no estabelecimento de confiança e envolve todo o corpo. A brincadeira promove satisfação, mesmo quando antes provoca ansiedade (Idem, p.76-77).

Diante dos aportes teóricos levantados, é imprescindível que o psicoterapeuta compreenda a brincadeira como uma atividade criativa essencial na construção do eu e que a mesma é uma excelente ferramenta para ser utilizada no atendimento dos adolescentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo principal contribuir para os estudos das relações entre a psicopedagogia e a psicanálise, no sentido de propor conceitos e técnicas do campo psicanalítico para o tratamento de adolescentes que procuram o atendimento psicopedagógico.

Além de um panorama sobre os conceitos da psicanálise e dos princípios do tratamento psicopedagógico, procurou-se caracterizar a adolescência como etapa importante da vida humana e fase marcada por conflitos e angústias, que dependendo da falta de equilíbrio do indivíduo, podem gerar estados patológicos e sofrimento psíquico. Nesse sentido, além de elencar os mecanismos de defesa que fazem parte das demandas de muitos pais, professores e equipes pedagógicas, também se propôs a associação livre e o brincar como técnicas com enfoque na abordagem da psicanálise para acolhida e tratamento deste adolescente.

O trabalho apoiou-se num amplo arcabouço teórico, no sentido de compreender como é possível atuar dentro da psicopedagogia a partir das técnicas da psicanálise. A arte das teses demonstrou a existência de incipientes estudos sobre a interseção entre psicopedagogia e psicanálise, sendo este trabalho uma tentativa de contribuir para ampliação desse debate e aproximação entre esses dois campos teórico-clínicos que possuem em comum partilhar suas observações e aplicações nos ambientes escolares, como por exemplo, os trabalhos de Simund Freud e Donald Winnicott na área da psicanálise.

Considera-se que o diálogo entre psicopedagogia e psicanálise é fértil e que pode contribuir para um melhor atendimento dos adolescentes que se encontram em sofrimento psíquico, com prejuízo de suas vidas sociais, desempenho escolar e relacionamentos.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, Arminda. **Adolescência**. 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

ARIÉS, Philippe. História social da criança e da família. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

ASSIS, Árbila Luiza Armindo. **Influências da psicanálise na educação: uma prática psicopedagógica**. Curitiba: Intersaberes, 2012.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do adolescente**. 1990. 3. ed. Brasília: Câmara dos deputados, 2001.

COLLIN, Catherine et al. **O livro da psicologia**. São Paulo: Globo, 2012.

COSTA, Teresinha. **Psicanálise com crianças**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

DELAROCHE, Patrick. **Psicanálise do adolescente**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.

FAZZI, Cecilia Elisabete Aguirre de. **A Psicanálise e a Psicopedagogia: uma Relação nas Intervenções Psicopedagógicas**. Psicologado. Edição 09/2013. Disponível em < <https://psicologado.com.br/abordagens/psicanalise/a-psicanalise-e-a-psicopedagogia-uma-relacao-nas-intervencoes-psicopedagogicas> >. Acesso em 25 Fev 2020.

JUNG, Carl G. et al. **O homem e seus símbolos**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

LURKER, Manfred. **Dicionário de simbologia**. Martins Fontes: São Paulo, 2003.

MAIA, Aline Borba, MEDEIROS, Cynthia Pereira de and BULIK, Karin Juliane Duvoisin. **O conceito de sintoma: entre a psicanálise e a psicopedagogia..** In: FORMACAO DE PROFISSIONAIS E A CRIANCA-SUJEITO, 7., 2008, São Paulo. Proceedings online... Available from: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC00000000320080_00100050&lng=en&nrm=abn>. Access on: 25 Feb. 2020.

PEREIRA, Maria da Paz. **Algumas contribuições da psicanálise à psicopedagogia: a transferência na relação professor-aluno**. Bol. psicol, São Paulo , v. 67, n. 146, p. 25-36, jan. 2017 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000659432017000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 25 fev. 2020.

ROUDINESCO, Elisabeth. PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

RUSSO, Roberta Luna da Costa Freire. **Reflexões sobre a prática da psicopedagogia e sua conexão com a psicanálise**. Trivium, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 286-297, dez. 2015. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912015000200009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 25 fev. 2020. <http://dx.doi.org/10.18379/2176-4891.2015v2p.286>.

TALLAFERRO, Alberto. **Curso básico de psicanálise**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

WINNICOTT, Donald Woods. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago editora, 1975.